

A Antropologia Especulativa de Saer

SAER, Juan José. El Concepto de Ficción. In: **El concepto de ficción**. Buenos Aires: Seix Barral, 2004, p. 9-16.

O argentino Juan José Saer, mais conhecido por sua produção romanesca, deixou a seus leitores uma obra abrangente, que também abarca contos, poesia e ensaios críticos. O Saer ensaísta não é tão prolixo quanto o romancista: para 11 romances publicados em cerca de quatro décadas de carreira, o escritor, morto em 2005, deixou três livros de ensaios. Nessa seara, poderíamos destacar, pela profundidade do debate crítico-literário que propõem, artigos como *La Narración-objeto*, *La Lingüística-ficción*, *La literatura y los nuevos lenguajes* e *El Concepto de Ficción*.

Escrito em 1989, o ensaio *El Concepto de Ficción* apenas foi editado em livro em 1997 (primeiramente pela editora Espasa-Calpe/Ariel e depois, em 2004, pela Seix Barral, como parte de sua obra completa), sendo agrupado a outros artigos, que haviam sido publicados antes em periódicos, introduções de livros ou mesmo apresentados em colóquios. O título dessa coletânea é o mesmo do ensaio que a abre, exatamente **El Concepto de Ficción**. O livro reúne 37 artigos escritos em um dilatado período, entre 1965 e 1996, todos tendo como particularidade discutir especialmente questões relacionadas ao fazer literário, passando pela teoria e abarcando livros e escritores. Ainda inédito em português, como grande parte da obra do escritor e crítico argentino, **El Concepto de Ficción** forma, junto a outras duas importantes coletâneas (**La narración-objeto** e **El río sin orillas**) o trabalho ensaístico de Saer. A partir desses trabalhos, é possível compreender como Saer encara a arte literária, à qual dedicou sua vida.

No ensaio *El Concepto de Ficción*, Saer propõe uma discussão sobre o ficcional, suas características e traços definidores. Para isso, parte de diferentes pares terminológicos, como verdade/falsidade, ficção/não-ficção, objetividade/subjectividade, empírico/imaginário e, a partir deles, tenta localizar a ficção. A biografia de James Joyce (a forma como seus dois biógrafos trabalharam as informações que levantaram para criar seus livros) serve de ponto de partida para as indagações do ensaísta.

Saer não hesita em afirmar que “a verdade não é necessariamente o contrário da ficção” e chama de “fantasia moral” o senso comum que está disposto a colocar a verdade em um lugar hierarquicamente superior ao reservado à ficção. Essa doxa aponta que a verdade pertence ao campo do objetivo e o ficcional, por sua vez, estaria ligado ao

subjetivo. No primeiro campo, apareceriam obras de gêneros como a biografia, a autobiografia, os livros rotulados pelas editoras como sendo de não-ficção e “uma multiplicidade de gêneros que dão as costas à ficção” e dizem representar a verdade. Apesar de ser encarada como o oposto disso, Saer avalia que a ficção não deve ser entendida como um tipo de texto que deu as costas a uma suposta realidade objetiva: o salto da ficção rumo ao inverificável não significa que faz uma reivindicação do falso.

Um dos pontos essenciais da exposição de Saer é o de que a ficção representa um tratamento específico do mundo. Ou seja, não se deve pensar a ficção como uma exposição romanceada de uma verdade, como é comum ocorrer. Ao fazer isso, julga-se a peça artística (quer seja um livro ou um filme) pelo quanto de verdadeiro carrega e ignora-se a especificidade da obra ficcional. Não é à toa que, para evitar processos judiciais movidos por pessoas que se reconheçam em certas personagens ou situações, acontece de encontrarmos filmes com o aviso de que se trata de uma obra de ficção...

O ensaísta cita criticamente, como exemplo, o escritor russo A. Soljenitsin, conhecido por obras como **O Arquipélago Gulag**, na qual expõe a vida nos campos de trabalho forçado da ex-União Soviética. O escritor russo se tornou mundialmente conhecido por fazer de seus romances um espaço de denúncia das barbaridades que ocorriam em seu país. Ao utilizar Soljenitsin como paradigma do verdadeiro, Saer se questiona: para que romancear algo de que já se conhece tudo antes de se pegar a pena?

Citando grandes clássicos literários, como **Dom Quixote**, **Madame Bovary** e **O Castelo**, o ensaísta ressalta que essas obras não pontificam sobre uma suposta realidade anterior à sua realização textual, mas também não assumem apenas a função de entreter. Para ele, apesar de “se afirmarem como ficções”, querem ser tomadas ao pé da letra. Nesse ponto, parece-nos que Saer abre as portas para a discussão de um conceito seu proposto em um outro texto: o de narração-objeto. Como Saer explica no texto homônimo, os traços distintivos da narração-objeto são sua opacidade em relação ao mundo real, sua singularidade e autonomia. Ou seja, uma narração-objeto carrega um fim em si mesma. A narração-objeto cria um mundo próprio, “um cosmos dentro de outro”, como afirma o autor. E é essa narração que consegue o estatuto de objeto único que pode ser considerado uma obra de arte.

A partir da constatação de que escritores como Cervantes, Flaubert e Kafka conseguiram colocar sua obra “à margem do verificável”, Saer busca apontar uma definição que englobe o texto ficcional. Para concluir seu raciocínio, Saer fala em uma “antropologia especulativa”, que seria uma forma de definir a ficção. “Mas o tema é

árduo e convém deixá-lo para outra vez”, conclui o escritor. Mesmo que não carreguem uma densa carga teórica, os ensaios de Saer nos mostram que o escritor argentino, além de um destacado romancista, também foi um hábil pensador da arte literária.

Fabricio Vieira
Mestrando – Programa de Pós Graduação
em Literatura e Crítica Literária - PUCSP